

Em 3157 X

O TRABALHADOR GRAPHICO

Orgão da União dos Trabalhadores Graphicos

Anno II

S. Paulo, 26 de Março de 1921

Num. 5

O Trabalhador Graphico

Causas varias, multiplas, complexas, fizeram que este jornal fosse por algum tempo suspenso, e interrompesse assim, a obra profusa que brilhantemente começara.

A sociedade capitalista está a ruir. Já se ouviu o fragor enorme da sua derrocada fatal.

Desmoralizada entre os próprios que julgam um dever defendê-la, por aqueles que levam vida farta e regalada á custa dos que trabalham, ella não pode mais subsistir. A Grande Guerra, que como um cyclone enorme passou pelo mundo dizimando a humanidade, destruindo os valores existentes, desorganizou completamente a produção e, — manifestação da completa falência desta sociedade, que não pode evitar as carnificinas — deixou os pobres mais pobres do que nunca, augmentou-lhes as privações, as misérias, os sofrimentos.

Estes, as unicas victimas deste estado de coisas, em todos os lados se esforçam para dar fim a essa situação — organizando-se para a defesa dos seus interesses e esforçando se pelo advento de uma sociedade mais equitativa, em que todos tenham o pão necessario á sua subsistencia, e que seja baseada na concordia, no amor e na justiça.

A essa obra se destina

O *Trabalhador Graphico* procurando unificar os proletarios de jornadas e casas de obras, capacital-os para a defesa commum, afim de que elles tomem a vanguarda dos seus irmaos na luta libertadora.

Que os companheiros o auxiliem eficazmente, para que dentro em pouco, ao envez de apparecer mensalmente, como determinou a ultima assembleia, O *Trabalhador Graphico* possa todas as semanas levar pelas casas insalubres que são as officinas desta capital, o seu verbo de energia e redempção!

Da sua confecção está encarregada pela assembleia geral uma commissão, composta dos companheiros J. C. Pimenta, Maximiano Ricardo, Ovidio Cardoso e Luiz Machado, da commissão executiva.

ERRICO MALATESTA



O ancião glorioso, symbolo da alma do povo italiano, que hoje, aos 72 annos de idade, dando um sublime exemplo de sacrificio ao proletariado de todo o mundo, offerce a sua propria vida em holocausto á Revolução Social.

A sociedade em que vivemos baseia-se no Egoismo. Trabalhemos para que ella venha a repousar no Amor.

AFFONSO SCHMIDT.

Impressões ...

Vargas Vila, no seu livro — «Sobre las viñas muertas» dá-nos uma boa porção de coisas admiráveis.

A par de uma linguagem onde a esthetica floresce em canteiros de maravilhas, encontram-se bellos traços phisio-psychologicos: Na figura de Hermann Krauss, o pae monstro da «Talvatti», apresentá-nos todos os burguezes que acirrados pela ambição do dominio sobre os outros, na ancia do engrandecimento despótico do seu Eu, sacrificam a familia e a honra, contando que cheguem á realisação dos seus malvados projectos; encarnados em sir Lytton, estão todos os typos enlameados no vicio, para quem o crime tem o sabor de um havana, os quaes, para satisfazerem aos seus instinctos viciosos, aterroram se á occasião de fazer fortuna com unhas e dentes...

Sobre tudo isto fica o martyrio de uma mãe, para condemnation dos algozes, como um arripio de maldição a pairar «Sobre las viñas muertas...»

Eu, que em materia de analyse sou um parvo, assistindo-me porém o direito de transmitir as minhas impressões a quem estiver disposto a aturar me, digo que, ha «ias, numa roda de anarchistas, quando se dissertava sobre as obras de Vargas Vila, andaram de modo erroneo quando, num golpe de vista revolucionario, o collocaram a parte de Forjaz Sampaio, como «destruidor do regimen capitalista. Ao meu ver, a Forjaz Sampaio fica-lhe muito bem o papel de «Tony» de circo, ao passo que Vargaz Vila parece-me, no amplo scenario da vida, um espectador que, com o coração a sangrar, ri... mas a sério...

São impressões, bem entendido.

TITTSU.

SUNAMO-NOS!

■ Conquanto a numerosa classe graphico de S. Paulo conte com nossa organização, que é a «União dos Trabalhadores Graphicos», ainda assim, não se pôde dizer que os interesses da sciencia estejam convenientemente organizados. Isto é, preparados, como era de direito, nota muito ainda, nos resta fazer para que tal succeda.

Ho, primeiramente, uma quasi absoluta falta do propaganda no meio das corporações de cada officina. É preciso, urge que a propaganda «intensifique de maneira mais animadora, por parte dos camaradas mais conscientes e já melhor orientados. É necessario abandonar de vez essa indifferença, essa apatia criminal que nos degraia vergonhosamente.

Que cada um cumpra o seu dever, por meio da palavra, da pena, e por todos os modos possiveis. É necessario, é imprescindivel que a propaganda se faça, sem recelo e com energia e attenção.

Como o-proletariado de todo o mundo, os graphicos de S. Paulo, devem penetrar-se de que já não estamos mais nos tempos do servilismo escravocrata de outras épocas.

A evolução tem mudado sensivelmente a marcha dos acontecimentos e o proletariado de hoje «já não pede, não supplica; quer, impõe e deve ser obedecido».

Companheiros graphicos! Um apello, pois, ás vozes conscienciosas. Trabalhemos tambem, contribuamos com as nossas esforços para a grande causa da Revindicação Social.

126—2—921. J. M. COIMBRA



Da vida

Trad. esp. para "O
Trabalhador Graphico"

— Nunca tornaste a Figueiras?

— Nunca.

— Nem eu tambem.

— Melhor fora nunca ter saído de lá.

— Bah! quem sabe.

— Tens parente em Figueiras?

— Vá eu lá saber agora!

— Eu tambem nada sei. E aqui?

— Não. Tinha um irmão, porém provavelmente morreu.

— Eu tambem tinha um irmão.

— Vimos juntos. Já lá vão trinta annos que não sei nada delle. Terá morrido, sem duvida...

— Chamava-se João.

— João! como eu... Eu me chamo João. E tu?

— Luiz.

— Luiz! como o... Luiz que?

— Zapata.

— Zapata tambem sou eu...

Será possível...

Por um momento as quatro púlpas phosphorecem violentamente,

como querendo reconhecer nas ruínas do ruato os traços familiares.

Depois, perplexos:

— E's tu, João.

— E's tu, Luiz.

Estes dois irmãos vieram, faz

cincoenta annos, com o coração

alegre, a "fazer a America".

JOSE MARIA DELGADO

Scenario: barbearia do Anjo de Mendigos. Num banco esperam por turno dez asylados. De repente, entra a irmã trazendo um recém-chegado e dirigindo-se a um do grupo:

Vejá — lhe disse — aqui tem um compatriota.

Aquelle a quem eram dirigidas estas palavras, um velho septuagenario, levanta o rosto e olha o novo asylado com essa indifferença sem hostilidade dos olhos cansados. O recém-vindo senta-se a seu lado. Suas barbas, seus cabelos, suas roupas falam de terribes peregrinações.

E enquanto ambos aguardam o beneficio da thesourá e da navahyia hygienica, entabulam este dialogo:

— De onde és?

— Asturiano.

— Eu tambem.

— Da aldeia de Figueiras.

— Eu tambem.

— Ha muito que vistes para a America?

— Cincoenta annos.

— Justamente como eu.

— Em 1869.

— E' isso. Em 1869. Ha já tempo! Eh! E sempre estivesse nesta cidade?

— Não. 15 annos, aqui. Depois andei no Paraguay, no Rio Grande, em campanha. — Que sei eu...

mam em pilstras e paredes, em

textos e columnas.

Assim é que, os rios a cotorem, a se deslizaem por entre valles e collinas, vão formar os mares, os oceanos, que nos empolgam a attenção pela sua magestade e grandeza, assim é que, as madreporas, coraes, pedras reunindo-se, compondo-se, formam enormissima e colossal massa no leito Immenzamente profundo das aguas marinhas doib origem ao apparecimento de ilhas, que se encontram, de tempos a tempos, na superficie dos mares e dos oceanos.

A solidariedade faz a organzação e opera o que se poderia chamar um milagre, mas que não é senão o effeito de uma acção premeditada ou instinctivamente e intelligentemente realizada no seio da sociedade ou no laboratorio Immenzamente fecundo da natureza.

Assim, se remontarmos ao tempo pre-historico, se nos afastarmos a um passado demasiadamente longinquo, veremos que o homem primitivo, ignorante de todos os segredos da natureza, expos-

to a milhares de perigos imprevisíveis e ameaçado de morte, luta contra os animaos ferozes que com elle disputavam as presas e com a propria natureza implodida e inclemente — teve, afinal, de descobrir a maneira de se proteger e garantir contra os ferozes ambientes.

A necessidade obrigou-o a organizar a sua defesa, a procurar, instinctivamente, a sua salvação, a sua garantia.

Dahi a origem da solidariedade humana, que o levou a unir-se ao seu semelhante, para a vida e para a morte, tornando-se forte na luta contra as feras bravias e indomaveis, ao mesmo tempo que se constituiu em agente geologico na obra de modificação e transformação da superficie do planeta que habitamos.

Ahi, porém, nessa phase inicial de sua vida, não cogitara nem pensara o homem em transformar a terra em propriedade privada nem os seus irmãos em escravos, submissos, sujeitos a imposição de patrones.

J. Pentecado.

Nosso dever

O proletariado graphico de São Paulo tem um dever inilludível a cumprir perante os compañheiros do Brasil e do Mundo, afim de não de smerecer o conceito de que justamente gosa como classe das mais evoluídas, das mais cultas: levando o seu apoio material e moral ao quotidiano das organizações operarias de S. Paulo — A VANGUARDA.

Esse jornal, que vem prestando um grande serviço na obra de renascença social que é a confraternização obreira mundial, passando por cima de fronteiras, raças e origens, necessita do nosso carinho, pois, sendo um jornal votado a uma causa, não conta nem poderia contar com as fontes de renda que mantêm e enriquecem as empresas capitalistas.

Todos nós, individualmente, espontaneamente, com a satisfação de quem cumpre um dever imposto pelos mais altos principios de solidariedade, devemos toinar uma assignatura d'A VANGUARDA, compral-a nas ruas, distribui-la aos nossos conhecidos, impol-a em toda a parte, porque ella é nossa, é o nosso orgão e a nossa palavra.

Nenhum graphico poderá manifestar indifferença pelo seu jornal. Seria um crime. Um attestado de inconsciencia que está em desacordo com a nossa classe. Um motivo de jubilo para aquellos que, explorando a passividade e a ignoraancia das massas menos cultas, vêm no orgão proletario, que orienta e instrue, o maior de seus inimigos.

Compañheiros. Tudo pela A VANGUARDA. O proletariado do Brasil e do Mundo tem os olhos sobre os graphicos de S. Paulo. O seu gesto amigo será multiplicado ao infinito.

Organização operaria

Compañheiros:

Que poderei dizer-vos sobre este thema que vos não seja conhecido? Nada, absolutamente nada, imagino. No entanto, cabe-me o dever de tratar, desde assumpto, vistes haver eu assumido perante vós, o compromisso de desempenhar-me da tarefa que me impuz ao iniciar a serie de conferencias de propaganda realizada na sede da U. T. G., tarefa essa de importancia tal para a nossa associação que não deverá ser logo interrompida, ou posta á margem, mas sim intensificada cada vez mais pelo intelligente esforço de todos os nossos compañheiros de fidelas, ligando-se ao mesmo ao seu desempenho um dever, uma obrigação, um compromisso honroso para cada um de nós, que, na medida de suas forças, deverá prestar o concurso de sua intelligencia, quer fazendo uso da palavra e da penna, quer pelo exemplo de uma dedicacão e amor á causa da emancipação proletaria, educando, orientando, instruindo e preparando os nossos compañeiros de trabalho para a grande luta contra os nossos inimigos, que são as castas exploradoras e parasitarias.

Além da serie de conferencias de propaganda associativa que já se iniciou, a U. T. G. distribue hoje o quinto numero d'O TRABALHADOR GRAPHICO, orgão da nossa classe e trata de desenvolver e melhorar a organização de nossa bibliotheca, que já está iniciada, a qual servirá para a obra de educação intellectual dos nossos compañheiros.

Mas estas iniciativas de tão alto valor moral para a nossa classe, para terem exito, precisam do apoio da collectividade graphica, que, de certo, não lhes será indifferente.

SOLIDARIEDADE E

ORGANIZAÇÃO

Ests ahi duas coizas que reciprocamente se correspondem e se completam quer na preparação de um destino amebiado por um idealista revolucionario, quer na formação de um corpo que precisa resistir e lutar contra as forças naturaes ou sociaes ou contra a acção destructora do tempo.

A solidariedade, uno, liga, adheire, fazendo de um todo disperso um conjuncto, um amalgama, um só corpo como, por exemplo, na construcção dos edificios, onde o cimento e a pedra se transfor-

A acção directa

(Suas relações com os poderes publicos)

Discutir com os patrões é uma necessidade na vida operaria da sociedade actual; as melhorias que os proletarios têm conseguido obter por seu proprio esforço têm muito mais valor do que todas as reformas legais.

Ordinariamente a lei não faz mais do que sancionar o que os usos e costumes estabelecem de ha muito. Quando os trabalhadores confiam na virtude legal das reformas, estas nunca chegam a vigorar. Não passam de promessas illusorias que nunca se realizam, graças á má vontade dos patrões e á cumplicidade dos tribunaes. Têmham em vista, por exemplo, as leis promulgadas em 1818 sobre a regatagem industrial ou seja a exploração dos operarios por intermediarios «marchandage» e sobre o limite do dia de trabalho, as quaes nunca se respeitaram.

As modificações nas condições do trabalho não têm valor real senão quando os operarios são bastante fortes para as impor e as fazer respeitar, sejam ellas ou não legais.

É geralmente quando se torna impossivel sofiar as reclamações dos trabalhadores que os Intitulados protectores dos operarios, filantropos e politicos, se empenham em intervir, declarando então que a reforma está «madura» (véde, por exemplo, os trabalhadores da Associação internacional para protecção legal aos trabalhadores. A maior parte das vezes, os esforços dos protectores traduzem-se em acalmar a agitação pelo projecto de meias-medidas, de fórma a conservar os effeitos das reivindicações operarias nos limites do razoavel. Ante a agitação em favor do dia de oito horas, falam, por exemplo, em estudar a regulamentação legal do dia de trabalho... de dez horas!

A experiência ensinou aos proletarios, que devem empregar os seus esforços, sem se inquietarem com a legalidade. A legalidade é uma perturbação a mais na acção operaria, porque traz sempre consigo multiplas restricções.

Os poderes publicos interveem, com effeito, a cada passo, para reprimir a acção operaria, isto é para impedir

a «acção directa» de se desenvolver livremente contra os patrões, e tambem para manter o proleario na ordem, graças a um arsenal de penalidades. Os trabalhadores tem, pois, que lutar, não só pela melhoria das condições do trabalho, mas tambem contra as leis que perturbam a sua acção e as suas reivindicações.

Seria preciso que esperassem mais ou menos passiva-

mente, o advento de melhores condições, contando com a evolução legal e confiando na benevolencia e justiça dos poderes publicos. Os poderes publicos, porem, não ligam grande importancia á classe operaria senão quando ameaçados ou simplesmente incommodados pela agitação de individuos resolvidos a fazer justiça por suas maos.

M. PIERROT.

Os Proletarios

Eit-a que vae seguindo o accidentado e vario Caminho da miseria, essa banida escolta, Magres, rôtos, levando a cruz ao seu calvario, Sem solltarem jamais um grito de revolta.

Vãs, quaes negras visões do tempo legendario Baldadamente a paz buscando, enquanto em volta, Entre lautos festins, o gorao proprietario, Mil risadas de escarneo e de despreso, solta.

São esse: afinal que ha innumerous annos, Fartos de supportar o jugo dos tyranos, Começam a embalar a candida esperanza,

De em já proximo dia, o velho Preconceito, Vemem tombar por terra, aos golpes do Direito, Ante as lufadas do Odio aos gritos de Vinganca!

S. Paulo, 1918.

José Jorge das Neves.

Para o livro «Pó».

Façamos valer os nossos direitos!

A nós, trabalhadores do Brasil, embera ultimamente tenhamos feito alguma coisa pela nossa organização, ainda nos falta andar muito para nos acharmos collocados a par do proletariado do velho mundo.

Uma medida de defesa de que devemos procurar lançar mão, e em que até hoje pouco se tem pensado entre nós, é a censura vermelha, tanto mais que a maioria de graficos de jornaes faz parte dos syndicatos da sua classe.

Nos momentos de luta, principalmente, e nas grandes capitales como S. Paulo, Rio de Janeiro, S. Salvador, é necessario quando não imponhamos a nossa censura, paralyzar a publicação dos or-

gãos burguezes, que nesses momentos exercem perniciosissimas influencias, como uma arma dos governantes para acalmarem as multidões.

Os nossos bravos camaradas portuguezes acabam de dar-nos uma utilissima lição nesse sentido.

Imtemol-os, afim de tambem mostrarmos aos governos e burguezes desta terra a nossa força, o prestigio da nossa organização.

É necessario todo o esforço neste momento historico, e que, de uma vez para sempre, nos despejemos desse servilismo vergonhoso em que até aqui nos temos collocado.

Ainda agora, com a acção arbitraria da policia, prendendo honrados trabalhadores, e dedicados militantes, espancando-os e deportando-os illegalmente (ha espancamento e deportações «negras» em pleno seculo XX, não Brasil!) demos uma prova bem desoladora do nosso atraso, de pouca actividade e cohesão. Sim,

porque a policia prendeu, deportou e infligiu os maiores martyrios aos nossos companheiros e, entretanto, nós quasi nada fizemos por ellas, porque ante tão grandes infamias, como as praticadas pela policia, entre as quaes, a de «lincar honrados trabalhadores nas ruas de Santos», como quem lança ches, era necessario, era imprescindivel, num gesto de indignação geral, um levante fermeivel do proletariado, quando não de todo o Brasil, ao menos de S. Paulo e Rio de Janeiro.

E nada disto se fez e de nada disto se cogitou.

Deixamos passar tres ou quatro longos mezes a impetrar habeascorpus a uma justiça de fanearia que se sujeita a ordens de um qualquer delegadinho «brabinesco».

Se os infortunados companheiros Fagundes, Campos, Aranda, Pizá, Jullião e tantos outros estão hoje a salvo das garras da policia, foi porque ella propria, cansada, farta de os maltratar, pôz-os na rua ou os embarcou para almar, muitos d'elles com mulher e filhos aqui, na miseria e no mais completo desamparo.

É preciso, pois, que factos desta natureza se não repitam e que a multidão proletaria deste grande e infortunado paiz, desgobernado por meia duzia de tubarões escravocratas, saiba, de Norte a Sul, fazer valer os seus direitos e mostrar aos despotas do poder o quanto pôde a força dos trabalhadores.

Para a frente, camaradas!

As religioes deram o trabalho manual como uma condemnação, um castigo, um flagelo de Deus contra o homem que faltou aos mandamentos que lhe vedavam o fructo prohibido. Mas isto foi certamente esperteza dos sacerdotes que dessa maneira se furtaram á diaria e pesada labuta.

ADELINO DE PINHO.

Quando a religião começou a diminuir entre as massas, os burguezes procuraram qualquer coisa sobre a qual pudessem assentar o seu dominio. Se pudessem conseguir a consagração do seu regimen pela sciencia, se pudessem provar aos trabalhadores que a sua situação é a consequencia fatal de uma ordem de coisas naturaes — tão logica como a lei da gravitação ou como uma equação mathematica — teriam maravilhosamente arranjado tudo.

J. GRAVE.

NO exercito proletario que está assaltando o mundo capitalista haverá, apenas, divisões diferentes. Assim como o exercito da sociedade capitalista é construido de infantaria, aviação, artilharia ligeira e pesada, carregadores, etc., concorrendo todos para o mesmo fim: o ataque e a derrota do inimigo, também o exercito proletario, composto de comunistas despoticos, anarquistas comunistas, socialistas democraticos, social democraticos, reformistas, syndicalistas, concorrerão todos para o mesmo fim: o ataque e a derrota do capitalismo. Estupidos e doidos serão os «burguezes» que se regosijarem com estas divisões. Ellas não retardarão nem um segundo a hora da sua derrota.

AGOSTINHO HAMON.

Até quando?

Perguntava-me outro dia um camarada até quando nós, suppletarios deste estado de coisas, vendo dia a dia crescerem as dificuldades da vida proletaria e cada vez mais se armarem os nossos inimigos que passarão francamente a tripuldar da nossa fraqueza e da nossa miseria. E eu lhe respondi. Isso pôde ser eterno ou pelo menos tão duradouro que a nossa geração sofrerá sem esperanças. Por mim creio que o desespero do proletariado já se tornou chronico e incurável.

O camarada achou-me pessimista e derrotista. Poderá não.

Estamos nos preparando para a luta? Existe nas massas trabalhadoras o espirito de sacrificio? Preferirão milhares de camaradas a morte á escravidão? Eis ahí umas tantas perguntas que não poderão ter uma resposta exacta. O operariado ainda se deixa embalar pelos seus mais cruéis inimigos e mesmo pelos seus amigos que, a título de o organizarem para a luta, passam toda a vida a fazer discursos, conferencias e theorias e também arregimentações para uma luta que nunca se dará segundo os planos mais perfeitos.

Enquanto isso o capitalismo se reforça e toma á offensiva, o estado e a igreja intervêm no seio das classes e entendem os seus interesses e as suas esperanças. O

proletariado, enfiado e adormecido, pôde-se até dizer, embruteado, até a hora da luta e se resigna a esperar pelo eterno amanhã. E' justamente o que desejam os exploradores do dia: amanhã.

E admitamos que com a demora o proletariado ganha força: em compensação perde o animo; os pretextos mudam e o inimigo arranja sempre o meio de distahil-o com questões novas. A isso não poderia o meu camarada oppor coisa melhor. Portanto a situação si não é eterna, é pelo menos mais que duradoura.

Que esperamos nós? O milagre? que a burguezia nos faça a suprema injuria de ter piedade de nós e de nos abandonar mais algumas migalhas de seus restos? Com franqueza, o operariado já não tem mais coração nem cabeça, coração para lutar, cabeça para reflectir.

Enquanto nós não nos decidirmos a dar uma esplendida lição de impaciencia a esses indignos exploradores de nosso suor e do nosso sangue, elles nos darão a nós uma não menos esplendida lição de escarneio e de desprezo. Porque quem não se luta pelos direitos não é digno delles. O meu camarada ha de se convenecer de que é preciso abrir a questão e mais do que tudo infundir no nosso coração de desgraçados o sentimento ardente de sacrificio, sem o qual seremos eternamente miseraveis e trahidos. E lembre-

mo-nos de que a luta deve ser até o fim, sem piedade e sem treguas, si não por nós que já somos desherdados, ao menos pelos nossos filhos. O burguez é também sentimental e nada mais enganando do que ouvi-lo falar nos seus queridos filhinhos.

JUSTINO RANGEL

Malatesta

A Justiça resolveu andar mais depressa...

Em vista da grande agitação que se tem feito em torno do caso Malatesta, a Justiça resolveu andar mais depressa, ella, que ha mezes o retinha em seus carcereis sem dar a minima providencia para o seu julgamento.

A burguezia italiana accusa Malatesta, Borghi e demais companheiros, de propaganda subversiva e 12 crimes contra a segurança do Estado!

Não ha nada como a vontade popular para aceitar as molas do decrepito machinismo governamental...

Ao companheiros da classe

A actual commissão executiva da «União dos Trabalhadores Graphicos» quer dir'gir algumas palavras a seus companheiros.

Antes, deve dizer que tem empregado os seus melhores esforços em regularizar o estado economico da União, já evitando despesas, já intensificando sua propaganda e a cobrança de quotas nas officinas.

Apezar da sua boa vontade, não conseguiu ainda a commissão executiva que ás reuniões de representantes, que se realizam todas as quartas-feiras, compareçam os companheiros que desempenham tais cargos em grande numero de officinas. Urge que estes companheiros cumpriam o seu dever.

A biblioteca social está sendo augmentada convenientemente. Foi adquirido elevado numero de volumes encadernados, de varios autores, assim como, já al-

guns companheiros requisitaram para serem lidos em suas residencias.

Se é verdade que as nossas assembleias não têm sido tão concordes como seria para desejar, nem por isso perderam em importancia. Julga a commissão executiva que, removidos certos inconvenientes, as assembleias serão mais numerosas.

Em uma das ultimas assembleias foi aberdada novamente a questão do salario minimo.

Foi deliberado solicitar diversas informações ás sociedades congeneres da Europa e da America.

De posse dessas informações, a commissão executiva tratará de encaminhar os trabalhos relacionados com o salario minimo pelo caminho mais seguro para sua implantação.

A commissão executiva faz um catorso appello aos companheiros de boa vontade no sentido de contribuir para que a União se torne cada vez mais poderosa e respeitada. Esse appello é dirigido, principalmente, áquelles que mais arredados se têm conservado da nossa sede. Esses companheiros, que raramente apparecem ás assembleias, que estão completamente alheios á vida associativa, são os que, ignorando tudo, tudo discutem e tudo julgam sob pontos de vista, as mais das vezes falsos. E, para furtar-se aos pagamentos da quota inventam pretextos, invocam precedentes, apontam erros, quasi sempre falsos também.

Si por ventura, erros foram commetidos na nossa sociedade, os companheiros a que vimos de nos referir devem saber que não poderão ser evitados com a desunião, com o desamor e com a apathia de que elles têm dado provas. E' pois, preciso apparecer ás nossas reuniões, discutir com elevação de vistas os factos que mereçam discussão; e cumpridores de seus deveres sem que seja necessario aos companheiros representantes se escaifarem para receberem a insignificante quota mensal.

Terminando, declaramos confiar em que estas nossas palavras serão ouvidas e os companheiros nos auxiliarão na obra commum, na tarefa da organização completa da nossa classe, afim de conquistarmos tudo a que temos direito como trabalhadores e explorados.

Unamo-nos, que seremos fortes!
S. Paulo, 26—13—1911.

A Commissão Executiva.

